

# CAMPINAS E SUAS ABELHAS

EVARISTO  
DE MIRANDA

Num país marcado por eventos tristes e amargos, esta é uma semana de doçura. Em 22 de maio celebra-se o Dia do Apicultor, um dos mais necessários e queridos entre os agricultores sem-terra do Brasil. O Dia Mundial das Abelhas foi comemorado em 20 de maio, em homenagem ao esloveno Anton Janša, pioneiro da apicultura moderna. Os eventos desta semana servem para conscientizar sobre o quanto esses polinizadores são vitais à segurança alimentar, à biodiversidade e aos ecossistemas.

Abelha, do latim *apis*, descende da raiz indo-europeia -bhi ou -bhey. Pode ser associada às ideias de “agitação” ou “tremor”, alusão ao comportamento inquieto e ao zumbido típico da espécie. A maioria dos apicultores não possui terra. Bastam alguns metros quadrados para instalar as colmeias, e pronto. Ao contrário de muitos “sem-terra”, os profissionais das abelhas são bem-vindos e recebidos sem conflitos em propriedades alheias.

Apicultores instalam suas colmeias em plantações de eucalipto, cereais, leguminosas, melão, tomate, laranja, hortaliças etc. Em troca de pólen e néctar, as abelhas polinizam os cultivos e ampliam sua produtividade. E produzem mel, própolis, cera e geleia real.

Por que o Dia do Apicultor é celebrado em 22 de maio? É o dia de Santa Rita de Cássia, a padroeira dos apicultores. Segundo a tradição, após a solenidade de seu batismo, por volta de 1381, na Úmbria, Rita foi deixada para dormir à sombra de uma árvore. Quando seus pais voltaram para observá-la, viram abelhas brancas voando ao seu redor, pousando suavemente sobre seus lábios e depositando gotículas de mel. Era um sinal anunciador. Um prenúncio das muitas doçuras daqueles lábios.

A Santa inspirou Campinas.



Além da paróquia, a Comunidade Religiosa Santa Rita de Cássia administra os Cemitérios Parque Flamboyant e Aleias, no bairro Gramado e Parque das Acácias na divisa entre Campinas e Valinhos. Sob a presidência do Monsenhor Fernando de Godoy Moreira, a Comunidade não tem fins lucrativos: todo seu lucro é revertido em benefício de seus empreendimentos.

A apicultura teve início no Brasil em 1839. Sua história também se relaciona à Igreja Católica. O primeiro apicultor do país foi o padre Antônio Carneiro. Ele trouxe algumas colônias de abelhas *Apis mellifera*, ditas europeias, de Portugal, para o Rio de Janeiro. Essa espécie exótica deu-se bem no Brasil.

Quem produz mel são as abelhas — e trabalham intensamente. Para produzir um quilo de mel, são necessários cerca de dois quilos de néctar: um milhão de flores precisam ser visitadas por dezenas de milhares de abelhas.

A produtividade brasileira de mel é baixa. A média varia entre 18 e 20 quilos por colmeia ao ano. Sistemas tecnificados alcançam de 60 a 100 quilos anuais. A produção nacional permanece modesta:

cerca de 67 mil toneladas. É muito pouco. O Brasil não figura entre os maiores produtores mundiais.

A apicultura faz parte da pecuária. Na carne bovina, suína e de frango, o Brasil exporta de 15 a 35% da produção. O essencial da produção atende o mercado interno. Não é o caso do mel. Ele é praticamente uma commodity. Seu preço acompanha os mercados internacionais. Exportá-lo é um excelente negócio. O Brasil exporta mais de 60% de sua produção. É muito. É demais.

Ao mercado interno sobra uma parcela, um resto da produção. O brasileiro consome, em média, cerca de 60 gramas de mel por ano, contra 240 gramas dos argentinos e mais de um quilo nos Estados Unidos, Europa e diversos países asiáticos. Se houvesse a decisão de colocar mel na merenda escolar, não haveria no mercado interno a quantidade necessária. Imagine incentivar o consumo! Apenas 53% do mel é consumido in natura à mesa. O resto destina-se às indústrias de alimentos, cosméticos, tabaco e ração animal.

A produção total de mel no Brasil em 2025 alcançou 67,3 mil toneladas. O estado de São Paulo destacou-se no cenário

nacional com cerca de 5,5 mil toneladas. São mais de 1.600 apicultores cadastrados e 72 mil colmeias. Em Campinas, há forte desenvolvimento da meliponicultura: a criação de abelhas nativas sem ferrão. Campinas é a segunda cidade do estado de São Paulo com o maior número de criadores de abelhas sem ferrão (uma centena de meliponários registrados), com forte apelo ecológico e de produção de méis nativos especiais. O número de apicultores tradicionais de pequena escala na região metropolitana é estimado em algumas dezenas. Campinas é um polo de serviços, insumos e distribuição de mel para o interior do estado.

O aumento do consumo de mel in natura é desejável e necessário. Depende da ampliação da produção. Somente inovações técnicas, investimentos e manejo profissional trarão ganhos reais de produtividade. O Brasil e sua agricultura precisam de mais, melhores e verdadeiros apicultores. E governantes. Abelhas não faltam. Nem apreciadores de mel. E Santa Rita de Cássia está pronta a ajudar.

■ ■ ■ Evaristo de Miranda - é professor, escritor e pesquisador da Embrapa